Era um dia de semana, eu estava deitada na cama após voltar do trabalho, quando meu telefone começou a tocar. Era a Shimamura.

"Você prefere ir ao karaokê, a um restaurante ou ao rio?"

Foi a primeira coisa que ela me disse durante a nossa primeira ligação telefônica. Que tipo de pergunta era essa? Ela estava tentando me chamar para sair? Não, provavelmente não.

"De onde surgiu isso?" perguntei.

"O karaokê foi ideia minha, Nagafuji sugeriu o restaurante, e Hino sugeriu o rio."

Então ela estava se referindo a um passeio. Evidentemente, minha suposição não estava muito longe... exceto que eu não esperava que outras pessoas estivessem envolvidas.

"Hino me convidou para sair neste domingo, e eu pensei em te chamar."

"Oh. Entendi. Não sei... sinto que seria meio estranho se eu fosse."

"Uau... não percebi que você se importa com essas coisas," Shimamura exclamou, fingindo surpresa.

Ah, vamos lá. Eu ri um pouco. "Que tipo de pessoa você acha que eu sou?"

"Alguém — uh — que não se preocupa com bobagens, só isso."

Do que você ia me chamar? Porque isso também é meio grosseiro. "Na verdade, eu me importo bastante com o que os outros pensam." *Especialmente com você.* Mas não consegui dizer essa parte.

"Hmm." Ela não pareceu convencida. "Bom, vou presumir que você vai."

Hesitei por um momento, mas acabei cedendo. "Uh... claro, por que não?"

Afinal, eu mal tinha a oportunidade de sair com ela durante um fim de semana. Se eu recusasse, acabaria passando o dia inteiro no meu quarto enquanto ela saía e se divertia sem mim.

"Então, para onde você gostaria de ir? Pode sugerir outro lugar se quiser."

"Espera, então... sou eu quem decide para onde todas nós vamos?"

"Provavelmente."

"Mas nem fui convidada originalmente... agora me sinto mal."

"Tenho certeza de que a Hino teria te convidado se pudesse. Ela só não tem o seu número." Com isso, um sorriso se formou nos meus lábios.

De alguma forma, o fato de apenas a Shimamura ter meu número me fazia sentir... segura. Mas eu não era corajosa o suficiente para seguir esse sentimento até sua conclusão lógica, então o ignorei.

"Não sei... O que faríamos no rio?"

"Provavelmente pescaríamos, já que é o que a Hino gosta."

"Pescar... hmm."

Tentei imaginar, mas não parecia fazer sentido. As quatro de nós ficariam em uma fileira, com os tornozelos na água gelada do rio, esperando por algo morder enquanto o sol nos castigaria? (Não que o clima de novembro fosse tão quente, mas ainda assim.)

Pessoalmente, minha família nunca me levou em viagens à natureza quando eu era criança, então, quando se tratava da vida ao ar livre, o conceito todo parecia sem graça e cansativo.

A opção de restaurante provavelmente seria algum Denny's ou McDonald's, onde passaríamos algumas horas comendo e conversando. Eu conseguiria me encaixar? Não conseguia pensar em nenhum ponto em comum entre nós quatro, o que significava que não teria muito sobre o que falar. Na verdade, eu podia facilmente me imaginar sentada ali em um silêncio tedioso por horas a fio.

"Vamos no karaokê, então."

Usando o processo de eliminação, parecia a escolha mais segura. Não precisaríamos falar muito, e se houvesse um silêncio na conversa, poderíamos apenas focar em quem estivesse cantando. Além disso, era ideia da Shimamura, e eu queria apoiar, mesmo que fosse algo que ela escolheu aleatoriamente.

"Ok! Vou avisá-las."

Ouvindo a voz dela do outro lado da linha se afastar, percebi que ela provavelmente estava prestes a desligar, então a chamei às pressas. "Ei, uh, Shimamura?"

"Hmm?"

Certamente, sua voz estava mais distante agora, como se ela já tivesse afastado o telefone do rosto. Eu sabia que se hesitasse por um momento sequer, ela encerraria a ligação.

Então, reuni toda a minha coragem e soltei: "Você gostaria de cantar algo comigo?"

"Claro, mas o quê? Na verdade, eu não sei que tipo de música você ouve."

Custou-me tudo o que tinha para fazer essa pergunta, e ainda assim ela fez parecer que não era grande coisa. *Espera aí. Não tínhamos falado sobre música antes?* Voltando em minhas lembranças, parecia que definitivamente tínhamos. Provavelmente, ela simplesmente tinha esquecido.

"Eu diria que tenho um gosto bem normal."

"Ok então, o que é uma música 'normal' pra você?"

"Uhhh... Tenho certeza de que qualquer coisa que você goste está de bom tamanho", respondi, depois de tentar e falhar em pensar em um exemplo específico. *Ah, por que sou assim?*

"Eu não teria tanta certeza... Gosto de muitas músicas antigas e coisas assim."

"Até que ponto estamos falando? Por ‘antigo’, você se refere àquelas que existiam antes de nós nascermos?"

"Coisas dos anos noventa. Sabe, como 'Robinson' do Spitz?"

"Ah, entendi. Eu provavelmente consigo cantar isso."

Na verdade, eu não sabia que "Robinson" era uma música dos anos noventa. Eu ouvia de vez em quando no rádio, e realmente não parecia tão antiga. Dito isso, eu não tinha a letra memorizada, então precisaria procurá-la.

"Assim que a Hino decidir os detalhes, eu te aviso."

"Ok."

Se a Shimamura tivesse dado meu número para a Hino, ela não precisaria me ligar de volta. Portanto, foi bom que ela não tivesse feito isso. Pelo menos, para mim.

"Enfim, nos vemos no domingo!"

Estamos nos adiantando um pouco, não estamos?

"Uh... você sabe que temos aula amanhã, né?" perguntei.

"Ah, é verdade. Ok, nos vemos amanhã!"

Em momentos como esses, nunca sabia exatamente quando encerrar a ligação, então muitas vezes a outra pessoa e eu ficávamos em um silêncio desconfortável por um tempo até que uma de nós resolvesse desligar. Não a Shimamura, porém — ela desligou imediatamente. De certa forma, isso realmente demonstrava quem ela era como pessoa.

Coloquei meu telefone de lado, me sentei e olhei para o calendário pendurado na parede. Era a primeira semana de novembro, e hoje era quarta-feira. Ainda faltava bastante tempo até domingo.

Nesse ponto, eu estava indo para a escola todos os dias — e almoçando com a Shimamura a cada três dias. Isso era tudo. No meu trabalho de meio período,

comecei a prestar mais atenção no estacionamento, pois tinha medo de que a família da Shimamura voltasse para jantar novamente. Mas, fora isso, nada havia realmente mudado.

Para constar, a família não tinha voltado desde a primeira vez, provavelmente porque a Shimamura não queria que a mãe dela me fizesse perguntas invasivas. Você pensaria que os adultos ainda se lembrariam de como era ser adolescente, mas eles sempre pareciam esquecer depois de alguns anos. Isso era apenas mais uma parte do processo de crescimento?

Soltei o que parecia ser meu enésimo suspiro. Pelo menos minha vida está menos entediante agora, eu acho.

Embora eu apreciasse o convite da Shimamura, eu não estava animada com a ideia de ter os outras amigas dela lá. Eu sabia que estava sendo irracional, mas ainda estava bastante frustrada.

Conhecendo a Shimamura, ela só me convidou porque a Hino disse para ela fazer isso. Obviamente, ela não diria isso na minha frente, porque queria ser educada. Eu também apreciava isso.

Mas não mudava o fato de que eu era uma ideia secundária.

Mais tarde, naquela noite, na cama, pensei no dia em que nos conhecemos.

***

Quando cheguei ao segundo andar do ginásio, a Shimamura já estava lá — sentada de pernas cruzadas no chão em cima da rede verde, se bem me lembro. Isso foi quando ainda estávamos usando nossos uniformes de verão, e me recordo de ver uma leve marca de bronzeado em seu braço.

Ela se virou e me notou, e nossos olhos se encontraram. Ela ainda carregava aquela vibe característica do ensino fundamental, o que significava que ela provavelmente era uma caloura como eu.

Eu não conhecia o nome dela, mas rapidamente ficou evidente que ela conhecia o meu.

"Adachi, né?"

"Uh... sim?"

"Estamos na mesma sala."

Ela acenou para mim. Naturalmente, eu não a reconheci de forma alguma.

O segundo semestre tinha acabado de começar, e comparado a outubro, a temperatura estava sufocante. Pelo menos, quando você estava do lado de fora, havia uma pequena chance de uma brisa, mas ali? Parecia um forno. Sendo assim, não me pareceu um esconderijo ideal, especialmente porque alguém já tinha chegado antes de mim.

Mas eu não podia simplesmente responder ao entusiasmo dela com um "Legal, tchau". Estávamos na mesma situação — ambas fugindo da aula. E eu estava um pouquinho curiosa sobre quais eram as razões dela.

Sem ter para onde ir, me sentei na borda de uma velha mesa de pingue-pongue empoeirada. Quando ela se apresentou, brincou, "Me chamam de Shimamura & Co.," e foi assim que eu a vi. Sempre que pensava nela, eu imaginava o logo da loja.

"Você vem aqui com frequência?"

"Não. Só me deu vontade hoje." Eu estava a caminho do meu lugar habitual quando notei um professor patrulhando, então me esgueirei para cá para me esconder. Felizmente, nenhuma das aulas estava usando o ginásio no momento. "E você?"

"Igualmente."

Mais tarde, eu descobriria que esse foi o primeiro dia em que a Shimamura faltou à aula. Ela me explicou que "não conseguia se concentrar" na aula depois de estar longe da escola por tanto tempo, mas eu não tinha como saber se isso era verdade. Talvez ela estivesse fugindo de algo. Talvez algo tivesse acontecido durante as férias de verão. Mas eu não me importava tanto naquela época, então deixei para lá.

Me sentei a uma distância razoável da Shimamura. A conversa tinha morrido, e tudo o que fluía entre nós era o nosso próprio suor. Ela enxugou o dela com um lenço; eu peguei uma toalha de mão e limpei o que restava da minha maquiagem.

Entediada, mexi no meu celular por um minuto, mas não havia muito o que fazer além de verificar a hora. *Ah, por que o intervalo de almoço está tão longe?* Olhei para a Shimamura e a vi olhando fixamente para a janela. Na época, me perguntei no que ela estava pensando. Mais tarde, descobri que a resposta era "nada demais".

Sozinha, o silêncio era tolerável. Com alguém presente, no entanto, eu era obrigada a me preocupar se o silêncio os deixava desconfortáveis, e achei esse trabalho emocional desnecessariamente exaustivo.

Bem na época em que comecei a considerar se deveria inventar uma desculpa para sair, no entanto, ouvi um som alto de canto. Surpresa, olhei para cima... e percebi que uma cigarra se agarrava à janela do lado de fora.

Ela estava gritando com tanta energia que você pensaria que ainda era o auge do mês de agosto. Shimamura e eu trocamos um olhar, quase como se eu estivesse me olhando no espelho. Sorrimos de maneira constrangida.

"Tão irritante."

"Com certeza."

Ela se levantou, foi até a janela e bateu no vidro. A cigarra caiu, possivelmente solta pela vibração — eu a vi tentar bater as asas, e no entanto, ela despencou mesmo assim. Shimamura retirou rapidamente a mão, depois virou-se para me olhar com uma expressão que dizia: "Caramba."

Na época, eu esperava desesperadamente que ela não estivesse prestes a me envolver em alguma coisa. Infelizmente, eu não seria tão sortuda.

A cigarra tinha ficado em silêncio. Por um tempo, a Shimamura apenas ficou olhando pela janela. Então, eventualmente, ela virou-se e apontou para as escadas com o mesmo dedo que acabara de enviar um inseto irritante para sua morte.

"Quer ir dar uma olhada nele?" ela perguntou.

Evidentemente, ela se sentia culpada por inadvertidamente causar a morte da cigarra.

"Claro", concordei, já que não tinha nada melhor para fazer. Talvez, uma vez do lado de fora, eu encontrasse uma desculpa para nos separarmos.

Descemos as escadas e fomos para o campo de atletismo, onde um grupo de estudantes do sexo masculino, apáticos, davam voltas. Cuidando para ficar fora de vista, nos esgueiramos para a parte de trás do prédio. Lá, entre o ginásio e o dojo de artes marciais, uma única árvore alta alcançava a janela do segundo andar. Na base do tronco estava a cigarra de antes.

Estava deitada de costas, batendo freneticamente suas asas, mas sem sucesso. Evidentemente, aquele pequeno inseto estava nos seus últimos momentos e não tinha a força para se endireitar. Ouvi mais cigarras acima de nós na árvore, mas elas não pareciam se importar que o amiguinho havia caído. Como uma estudante faltosa, achei que conseguia me identificar.

A Shimamura se agachou e estendeu a mão.

"Ah, você vai tocar nisso aí?"

"Elas não são tão nojentas. Mas se fosse uma minhoca ou uma tatuzinho, de jeito nenhum."

Eu não entendia o critério dela para o que tornava uma cigarra menos nojenta. *Seria porque elas podiam voar?* Depois de um momento de contemplação, decidi que fazia sentido. Afinal, eu conseguia me imaginar tocando em uma joaninha, mas não em uma centopeia.

A Shimamura pegou a cigarra, hesitante. Naturalmente, ela começou a se contorcer loucamente.

"Ah!"

Ela se contorceu da mesma forma, tentando estabelecer alguma distância entre ela e o inseto, mas porque ela o estava segurando, isso obviamente era meio impossível. *Não ouse trazer essa coisa para perto de mim.*

Eventualmente, as duas se cansaram, e ambas se acalmaram. A Shimamura parou, balançou a cabeça e se aproximou da árvore.

"Suba, amiguinha!"

Ela segurou a cigarra no tronco da árvore, e suas patas começaram a se contorcer novamente. Mas, quando ela soltou, o inseto ficou firmemente preso à casca e continuou a gritar. Com nossa missão cumprida, voltamos ao ginásio.

Em algum momento, esqueci de inventar uma desculpa para escapar, mas tudo bem. Não estava mais com vontade.

Enquanto subíamos as escadas de volta, a Shimamura me perguntou: "Quantos dias você acha que ela ainda vai viver?"

"Nem ideia", respondi com sinceridade.

"É, eu também não sei", ela respondeu.

Houve uma breve pausa quando chegamos ao topo. Então eu perguntei a ela: "Por quanto tempo você gostaria que ela vivesse?"

Ela parou para pensar a respeito. "Eu diria... mais quinze dias."

De fato, quinze dias depois, ela foi até mais uma vez com sujeira nas palmas das mãos. Se eu tivesse que adivinhar, ela provavelmente estava lá cavando um túmulo para a cigarra.

Essa foi a história de como a Shimamura e eu nos conhecemos pela primeira vez... quando eu ainda não a considerava uma amiga.

***

Como era típico sempre que encontrava a Shimamura, eu estava nervosa por uma variedade de razões.

De bicicleta, atravessei um distrito comercial (em grande parte morto, salvo por uma loja de doces e uma oficina de bicicletas), cruzei os trilhos de trem há muito tempo desativados e virei à esquerda. Lá, avistei nosso local de encontro logo à frente.

De fato, uma vez que passei pelo banco e pelo ponto de ônibus, notei a Shimamura encostada no letreiro dos correios lá fora. Pensando bem, ela era estranhamente diligente com essas coisas. Por que mais ela sempre chegava primeiro quando nos encontrávamos?

Ela acenou para mim, e eu acenei, tímida, enquanto ia em sua direção.

"Sabe, para uma garota que sempre se atrasa para a aula, você é bem pontual quando se trata de sair!"

"Olha só quem fala", eu respondi.

Pessoalmente, eu só estava aliviada por ver que a garota brilhante não estava com ela dessa vez. Não duvidaria que a Shimamura a encontrasse aleatoriamente na rua e a trouxesse "por diversão". Quem era ela, afinal? Eu sabia que a Shimamura provavelmente estava sendo simpática e agradando a garota, mas... quer dizer, o cabelo? Os olhos? Claramente, ela devia ser de outro planeta, não é?

"Roupas legais, onde você conseguiu? Shimamura Co.?"

"Puxa, nunca ouvi essa antes", respondeu a Shimamura, beliscando a barra de sua blusa branca de tricô, enquanto fazia cara feia.

Instantaneamente, me arrependi do que tinha dito. Aparentemente, os outros amigos dela já tinham feito essa piada, e eu não queria ser como eles.

"Estou surpresa que você não esteja usando seu vestido chinês."

"Ah, cala a boca."

A Shimamura não tinha uma bicicleta consigo; evidentemente, ela tinha vindo a pé. Enquanto esperávamos pelas outras, ela vagava em círculos pelo

estacionamento, e eu a observava à distância. Eu estava tentada a puxar assunto... mas não conseguia pensar em um tópico.

Eu nunca costumava prestar tanta atenção na Shimamura antes, mas agora eu ficava hiperfocada em cada movimento dela. Ultimamente, eu também notava muito mais a aparência dela. Ela era realmente bonita.

"Ei, então..."

"Hmm?" Ela virou na minha direção enquanto caminhava em círculos em formato de oito.

"Eu decorei aquela letra."

"Hein? Que letra...? Ah, certo! Para o nosso dueto."

Por um segundo, fiquei com medo de que ela tivesse esquecido, então aquelas últimas palavras foram um alívio imenso.

"Se tivermos outras músicas em comum, devíamos cantar também."

"Sim."

Ainda não havia sinal das outras duas... e eu estava tentada a roubar a Shimamura e ir para outro lugar. Mas naquele momento, quase como se o destino lesse minha mente, avistei a Hino e a Nagafuji na ponte à nossa direita, andando juntas em uma bicicleta. A mais baixa pedalava, e a mais alta estava sentada de maneira ociosa com as mãos apoiadas nos ombros da outra garota. Parecia tão invertido que não pude deixar de rir.

"Ah, olha, elas chegaram!"

A Shimamura saiu para a rua para chamá-las, e cada uma delas respondeu acenando com as duas mãos. *Espera, não façam isso! Isso é perigoso!*

Sem segurar o guidão, as garotas desceram a ladeira da ponte e vieram até nós, usando as solas dos sapatos para frear. *Que esquisitas*. Hino sorriu para mim como se pudesse ouvir o que eu estava pensando.

Enquanto isso, a Nagafuji pulou da bicicleta.

"Você ainda não sabe andar de bicicleta?" a Shimamura perguntou a ela.

"Claro que não", ela respondeu com tranquilidade, e foi então que percebi que ela não estava usando seus óculos hoje. Como resultado, seus olhos em formato de amêndoa estavam mais evidentes. Estranhamente, a ausência dos óculos

realmente aumentava sua usual vibração "intelectual", algo que eu não sabia que era possível. *Normalmente, não é ao contrário?*

A Nagafuji e a Hino se aproximaram de mim.

"Oi, Ada-chee!" Hino me cumprimentou casualmente. Esse era na verdade o mesmo apelido que eu tinha no ensino fundamental. Sejamos honestos, eu realmente não via sentido em um "apelido" que soava idêntico ao meu sobrenome real.

"Oi, Ada-chee!" Nagafuji repetiu, em tom de brincadeira.

"Ada-chee!" A Shimamura entrou na brincadeira com um sorriso. No mesmo instante, eu olhei para longe, lutando contra o impulso de puxar o capuz da minha blusa sobre o rosto.

Tirando a Hino e a Nagafuji, eu era visceralmente contra a ideia da Shimamura me chamar assim por algum motivo. *Bem... ok, não "contra", exatamente. Apenas... me deiava acuada...?* Em outras palavras, eu estava envergonhada. Para me distrair, virei-me e subi na minha bicicleta.

"Qual o caminho para o karaokê?" eu perguntei, esperando que um pequeno passeio de bicicleta esfriasse minhas bochechas ardentes.

"Por ali", disse Hino, apontando na direção de onde eu tinha vindo, em direção a um prédio do outro lado da rua.

A placa na frente, que *Village* e mais algo ilegível, anunciava "CHURRASCO, BUFFET, KARAOKÊ E CUIDADO INFANTIL". Isso me pareceu uma bagunça incongruente, e, no entanto, o estacionamento estava cheio de carros.

Além disso... se o prédio ficava a dez segundos de distância a pé, por que nos incomodamos em nos encontrar no correio? Com um suspiro, desci da minha bicicleta e decidi empurrá-la. *Ai, eu pareço uma perdedora.*

"Estou surpresa que você realmente tenha aparecido", comentou a Hino.

"Verdade", concordou a Shimamura.

Ambas estavam me olhando, então eu sabia que estavam falando sobre mim. Mas o que eu não entendia era por que pareciam querer que eu explicasse o motivo de eu ter comparecido. Se eu contasse a elas o verdadeiro motivo de eu ter vindo, pensariam que eu era uma completa estranha. Eu só conseguia imaginar os olhares estranhos que me dariam.

"Eu não tinha nada melhor pra fazer", eu menti. Pensando bem, esse provavelmente era o motivo pelo qual as pessoas me viam como distante e

antipática. Admito que tinha dificuldade em me encaixar em situações sociais... Talvez eu só não tivesse experiência suficiente, nesse caso, hoje seria uma boa prática para mim.

"Ahá. 'Porque eu estava entediada' - a motivação definitiva para qualquer *Shinigami*. Excelente." Hino acenou com a cabeça para si mesma. *Ela estava se referindo a algo? Eu não entendi.*

O interior da sala de karaokê estava pouco iluminado, decorado com abóboras e cortinas pretas metálicas. O Halloween havia sido semanas atrás, mas aparentemente este lugar não recebeu o memorando. À direita, havia um conjunto de sofás, onde dois homens idosos jogavam uma partida tranquila de *Othello*. Na verdade, havia grupos de idosos por toda parte, e, em contraste, as quatro de nós chamávamos bastante atenção. Os idosos não pareciam suspeitar de nós, provavelmente porque éramos apenas crianças aos olhos deles, mas eu não gostava de ser encarada, independentemente do motivo.

Na parede havia um aviso com a divisão de preços. Nos fins de semana custava 180 ienes por trinta minutos, ou 360 ienes por uma hora. Isso era muito mais barato do que o karaokê na praça da estação. O aviso também anunciava algo chamado "Especial das Nove Horas", mas eu não podia dizer que estava interessada. Se ficássemos aqui por nove horas, ficaria muito tarde, e eu tinha trabalho à noite.

"Devemos começar com quatro horas?" Hino nos perguntou. Para mim, ainda parecia um tempo excessivo.

"Faz sentido", respondeu Nagafuji.

Faz? Acho que sim.

Quanto a Shimamura, ela ficou em silêncio, brincando com uma mecha de seu cabelo.

Hino foi em frente e pagou por quatro horas. Como se viu, os funcionários também eram idosos. *Por que ela nos trouxe aqui, entre todos os lugares? Acho que é assim que a Hino é.*

Em seguida, ela nos levou a uma sala no final do corredor. Talvez essa parte não fosse grande coisa para todos os outros, mas para mim, era angustiante. Ter que decidir onde sentar sempre me deixava ansiosa.

A sala era relativamente apertada, com paredes brancas e dois sofás pretos. Vi Shimamura se dirigir ao sofá do lado direito, então a segui casualmente. Minhas pernas estavam um pouco rígidas e robóticas, mas no final, consegui me sentar ao lado dela. Hino e Nagafuji se sentaram no sofá oposto.

Talvez esse arranjo de assentos tivesse acontecido de qualquer maneira, mas para mim, era essencial.

"Posso colocar nossas bolsas aqui?" perguntou Shimamura.

"Claro", eu concordei, segurando um sorriso enquanto comemorava triunfantemente minha conquista. Não seria necessário usar meu telefone para nada, muito menos qualquer outra coisa em minha bolsa. Além disso, a chave da minha bicicleta estava segura no meu bolso.

Estendi a mão para pegar o cardápio na mesa. Eu não estava especialmente com fome, mas queria algo para olhar enquanto esperava. Infelizmente, Nagafuji agarrou-o um segundo antes de mim. Eu recuei; ela me deu um olhar que dizia: "Você tem certeza de que não quer?" Levantei a mão em um gesto de "não, pode ficar".

Enquanto isso, Hino fez uma pose dramática ao ligar o microfone. "Certo, eu vou primeiro! E nessa loucuuuura—"

"Para com isso." Nagafuji prontamente confiscou o microfone de Hino, o que eu apreciei. *Por que cantar sem realmente inserir a música no sistema?*

"Ok, tudo bem! Vou cantar outra coisa", Hino cedeu, e o microfone foi devolvido rapidamente. "Uhhhh..."

Ela digitou sua escolha de música no controle remoto — uma música infantil, por alguma razão. Enquanto cantava, ela olhou para baixo, para o cardápio aberto no colo de Nagafuji. Então ela apontou para um item.

“Se formos pedir uma jarra, peguem chá verde - é melhor para a garganta, em comparação com *oolong*. Pelo menos, foi o que meu professor favorito me disse.”

“De quem você está falando?” perguntou Shimamura.

“Do Sr. S, o amante de karaokê.”

“Ainda parece que você está escapando da pergunta.” Irritada, Shimamura fez uma careta. O sobrenome do nosso professor começava com T, então tinha que ser outra pessoa.

Depois que Hino terminou sua música infantil, ela segurou o microfone. “Quem é a próxima?”

Com o canto do olho, olhei para Shimamura, que estava lendo os folhetos na mesa. Logo depois, ela sentiu meu olhar e olhou para cima. Nossos olhos se

encontraram, e então ela me lançou um olhar que perguntava: “Quer cantar junto?” Eu balancei a cabeça apressadamente. *Ainda não.*

“Ok, é a minha vez!” Nagafuji anunciou enquanto pegava o microfone.

Hino pôs uma mão no quadril. "Você pelo menos sabe a letra de alguma música?"

"Uhhh... uummm..." Nagafuji hesitou. De alguma forma, ela ainda parecia digna, mesmo quando olhava para o chão. "Eu apenas farei você cantar todas as partes que eu não souber!"

"Então, você quer que eu cante outra música sozinha? Isso está se transformando em um show de uma única mulher aqui!"

Apesar da implicação dessa afirmação, Nagafuji não parecia ofendida de forma alguma. Aparentemente, ela tinha algum tipo de problema de memória; ela nem conseguia lembrar meu nome a menos que alguém a lembrasse. Ela abriu o livro de músicas e começou a procurar um número de música, e me ocorreu que Hino deve ter inserido um número completamente ao acaso.

Um pouco depois, nossa jarra de chá verde chegou, entregue por — adivinhe só — outro homem idoso. Distraída, eu me perguntava exatamente quão velhos eram todos os funcionários. Servimos quatro xícaras de chá, e depois de brindarmos formalmente, Nagafuji adicionou sua música ao sistema: uma canção um pouco mais antiga de um artista chamado Nijou Owari.

A própria música era muito animada para o meu gosto, mas eu gostava do acompanhamento de piano, assim como da pessoa que o tocava, conhecida por sempre vestir quimonos. Uma vez, li uma entrevista que ela fez para uma revista; ela e a cantora passaram o tempo todo falando sobre algum cachorro. E, quando alguém lhe perguntou sobre música, ela começou a falar sobre um restaurante que frequentava.

"Você conhece essa?" Shimamura me perguntou entre seus goles de chá.

Eu acenei com a cabeça. "Eu não sei a letra, mas sim."

"Hmm. Eu nunca ouvi antes", ela respondeu, aparentemente desinteressada, e deu outro gole.

Ela estava bebendo o chá com vontade - não porque realmente estava com sede, mas puramente por uma ansiedade inquieta. Isso era óbvio, mesmo para uma observadora externa como eu. Por mais que ela tentasse agir como se estivesse completamente à vontade nesse ambiente, eu podia perceber que ela estava forçando - especialmente em comparação com seu comportamento usual no

segundo andar do ginásio. Quisendo ou não, isso estava fora da zona de conforto dela.

Talvez ela e eu abordássemos as situações sociais com uma mentalidade semelhante, mas ela era simplesmente melhor em esconder. Talvez fosse por isso que eu me sentia atraída por ela - porque éramos pássaros da mesma plumagem. Sempre que estávamos em um grupo de quatro, ficava dolorosamente óbvio o quanto Shimamura e eu estávamos melhor quando era apenas nós duas.

No final, Hino acabou assumindo a maior parte da segunda música também. Depois, ela segurou o microfone na nossa direção. "Vocês agora!"

Shimamura e eu trocamos olhares... e o que se seguiu foi o jogo de batata quente mais curto do mundo.

"Se estamos indo no sentido horário, então é sua vez."

"Hmmm... ok, eu sei o que estamos fazendo." Shimamura pegou o microfone. "Você poderia nos trazer outro?" ela perguntou a Hino. Em seguida, ela me puxou pelo braço e me levantou. "Vamos fazer um dueto!"

Enquanto nos movíamos ao redor da mesa para a frente da sala, hesitei. Isso estava acontecendo cedo demais. Ainda assim, pude perceber que Shimamura não estava realmente me forçando a fazer isso - apenas me guiando.

Ela pegou o controle remoto e digitou o número. Aparentemente, ela havia procurado com antecedência. Meu coração batia forte no peito, pedindo a ela para diminuir o ritmo. Parecia que uma mão pressionava minhas costas, me empurrando para frente contra a minha vontade.

Eu nunca fui boa em cantar na frente de uma plateia, e sempre odiei apresentações na aula de música. Mas hoje eu estaria cantando com a Shimamura. O medo do palco era o menor dos meus problemas agora.

Ficamos lado a lado, quase como se estivéssemos em um púlpito de sala de aula para fazer uma apresentação. Eu estava tão nervosa que meu estômago estava embrulhado... e, conforme as notas iniciais tocavam, comecei a me sentir tonta. Mas justo quando comecei a me preocupar com um possível desmaio, Shimamura decidiu abrir a boca.

"Eu realmente aprecio você vindo para cantar comigo."

"Hein?" *De onde aquilo tinha vindo?*

Sorrindo, ela ligou o microfone. "Eu não sou boa em cantar na frente das pessoas, sabia?"

"Não dê desculpas, estraga-prazeres! Apenas faça!" Hino zombou, em tom brincadeira, lá do seu assento. Enquanto isso, Nagafuji estava ocupada pedindo algo mais do cardápio.

Quanto a mim, bem... a pequena confissão de Shimamura trouxe um sorriso ao meu rosto. *Ela está do mesmo jeito!* Meu coração pulsou de alegria. Parecia que tínhamos nos aproximado ainda mais.

"Digo o mesmo, na verdade. Estou feliz que você está aqui comigo", eu disse a ela.

Então o prelúdio terminou, e era hora de cantar... então eu dei todo meu coração.

✪✪✪

Uma vez que nossas quatro horas alocadas se esgotaram, acabamos pegando uma extensão. No final, saímos depois de cinco horas de canto. As outras meninas me fizeram levantar e cantar sozinha várias vezes, e tive que lutar contra a vontade de me enfiar em um buraco e morrer... mas Shimamura me disse que eu fui ótima, então talvez tenha valido a pena.

Agora eu estava começando a entender exatamente o que eu queria dela.

Quando saímos do karaokê, já eram três da tarde. O sol estava brilhando, mas a temperatura estava notavelmente mais amena em comparação com o clima do mês anterior. O inverno estava a caminho, e em breve este ano chegaria ao fim. Em termos funcionais, no entanto, janeiro não era muito diferente de dezembro. Os números no calendário mudariam, mas era só isso.

"Você se divertiu, minha querida Ada-chee?" perguntou Hino.

Eu gostaria que ela não se esforçasse tanto para pedir minha opinião - me faz sentir como uma estranha. O que eu sou, tecnicamente, mas ainda assim. E eu percebo que ela ainda está me chamando de Ada-chee.

"Sim, foi divertido," respondi, lançando um olhar de canto para a Shimamura. Ela retribuiu com um sorriso condescendente, como se dissesse "Que bom pra você!" Era quase como se ela fosse minha mãe ou algo assim.

Se qualquer outra pessoa tentasse agir assim, eu teria detonado com ela... mas, porque era ela, eu estava de boa com isso. Fico até feliz.

"Que bom ouvir isso! Com certeza te convidaremos novamente em algum momento. E quando digo 'nós', quero dizer Shimamura."

"Por que eu? Quero dizer... não que me importe." Por um instante, ela fez uma expressão como se dissesse, "Por que você não faz isso?" Clássica Shimamura.

Então, Hino me deu um tapinha no ombro e subiu em sua bicicleta, com um sorriso de sabichona no rosto. "Bem, até amanhã pessoal!" O que será que aquilo significava?

Hino acenou para nós; eu acenei de volta, tímida. Então, Nagafuji se aproximou dela. "Você tem certeza de que sabe onde eu moro?"

"Você acha que sou burra ou algo assim? Lembra quem te buscou esta manhã?"

Discutindo, elas aceleraram pela rua em direção à ponte. Eles eram nada menos que amigas íntimas, mas eu não apreciava a atitude excessivamente familiar delas comigo. Eu tinha mantido intencionalmente uma distância respeitável delas, mas mesmo assim, eles estavam começando a me tratar como sua amiguinha.

Não é que eu odiasse elas em si... Eu simplesmente não estava acostumada com esse tipo de personalidade. Nenhum dos meus outros amigos nunca foi tão direto comigo.

"Bem, agora que terminei de entretê-los, acho que é hora de ir para casa e entreter minha irmã!" Shimamura brincou, dando um sorrisinho. Com isso, nosso pequeno momento de diversão terminou; ela se virou e começou a andar. Para mim, parecia que ela estava me desligando de novo. Ela sempre foi tão rápida para encerrar as coisas - eu desejava que ela me desse tempo suficiente para articular adequadamente meus pensamentos. Em vez disso, eu os deixei escapar.

"Quer que eu... te leve pra casa?"

Ela parou abruptamente. Minha mão escorregou do freio e eu deslizei um pouco para a frente.

"Não é tão longe daqui, certo? E, uh... eu não gostaria que você tivesse que andar todo esse caminho."

Tardiamente, percebi a contradição no que acabara de dizer. Shimamura parecia confusa também. Talvez eu não devesse ter tentado inventar uma desculpa.

Ela lançou um olhar para as figuras de Hino e Nagafuji se afastando gradualmente, então sorriu. "Claro, vou pegar uma carona com você." *Que alívio.*

Ela colocou sua mochila na cesta da minha bicicleta, pôs a mão no meu ombro e subiu.

"Me leve embora, Ada-chee!"

"Ok, não. Você tem que me chamar pelo meu nome de verdade," insisti, lançando-lhe um olhar por cima do ombro.

Ela olhou para mim surpresa, os olhos arregalados. "Não é tão drasticamente diferente, é? Você não gosta de apelidos ou algo assim? E por que eu sou a única que não pode?"

"Não é isso. Não tenho nada contra você em particular..." *Mas se você quiser inventar um apelido único para mim, eu ficaria bem com isso.*

Em vez de terminar meu pensamento, no entanto, comecei a pedalar - lentamente no início, enquanto lutava com o peso adicional, depois gradualmente mais rápido ao longo do tempo. Embora eu gostasse da emoção da velocidade crescente, não queria chegar lá muito rapidamente, então mantive meu ritmo sob controle.

A simples ideia de ir para a casa da Shimamura me deixou tonta. De jeito nenhum eu poderia voltar lá hoje - talvez nunca mais. Ainda estava traumatizada da última vez.

"Vire à direita aqui, depois siga em frente por um tempo."

"Ok."

Virei à direita, conforme solicitado. Navegamos pelo caminho que atravessava os trilhos abandonados da ferrovia e depois seguimos pelo distrito comercial por um caminho tão estreito que eu só podia esperar que não encontrássemos mais ninguém vindo na nossa direção.

"Mas falando sério, você se divertiu?" Shimamura me perguntou depois de alguns minutos.

"Mais ou menos," respondi honestamente, já que estávamos só nós duas. Não foi exatamente a melhor experiência da minha vida, e se Shimamura não estivesse lá, eu teria arranjado uma desculpa para sair mais cedo.

Depois de passar o dia em um ambiente em grupo, fui mais uma vez visceralmente lembrada de que meus sentimentos por Shimamura eram diferentes.

Eu não me importava com a ideia de ser amiga de Hino e Nagafuji - mas apenas amiga. Estava tudo bem sair com elas durante o fim de semana, mas não em um

feriado especial como o Natal. Foi assim que soube que as considerava apenas como amigas.

Mas Shimamura? Eu queria passar o Natal com ela. E não apenas o Natal, também o Ano Novo, e o Dia dos Namorados, e todos os feriados depois disso. Eu queria estar perto dela... e agora, estava começando a entender por quê.

Provavelmente, o que eu queria da Shimamura era o afeto familiar de uma irmã mais velha ou uma mãe. Era difícil expressar em palavras, mas basicamente, eu queria alguém para me abraçar... para me proteger... para me aceitar. Provavelmente porque minha relação com minha família verdadeira deixava muito a desejar.

Se eu alguma vez admitisse isso, porém, eu sabia que soaria como uma criança. E eu preferiria morrer do que dizer para a Shimamura que eu queria que ela fosse minha irmã mais velha.

"Oh, na verdade, você poderia virar à esquerda aqui?" ela perguntou de repente.

Intrigada, fiz como ela pediu. À frente, avistei um terreno deserto, coberto por uma fina camada de areia e pontilhado com equipamentos de *playground* para crianças - um parque, em outras palavras. Na pré-escola, eu costumava adorar brincar nos aparelhos de ginástica.

"Wow. Sua casa parece muito diferente da última vez que eu visitei," brinquei.

"Eu sei, né? Quem precisa de paredes ou encanamento interno? Ha ha ha. De qualquer forma, feche a boquinha e pare, tá?"

Reduzi a velocidade até parar ao lado do parquinho. Shimamura desceu e seguiu pelo terreno arenoso até a máquina de venda próxima. Enquanto eu trancava minha bicicleta, ela me chamou: "Estava com sede, então quis parar para tomar uma bebida rapidinho. Qual você quer? Eu pago!"

Algo em sua oferta me lembrou das nossas conversas durante o almoço, lá atrás, quando costumávamos matar aula.

"Tem água mineral?"

"Não, só bebidas enlatadas. *Pocari Sweat* está bom?"

"Uhhhh... tudo bem, pode ser."

Ela voltou carregando duas latas, e juntas caminhamos pelo parquinho. Havia muitos bancos para nos sentarmos, mas em vez disso, seguimos para o conjunto de balanços, onde cada uma de nós se sentou. O balanço dela era amarelo e o

meu era vermelho, embora a tinta estivesse descascando; quando eu toquei as correntes, resíduos de ferrugem sujaram meus dedos. Quando eu limpei, desmancharam-se, assim como as memórias antigas. Mas apenas as boas; as más memórias gostavam de permanecer.

"Obrigada por estar aqui," ela disse enquanto me entregava a bebida.

"Ah, por favor," eu ri, balançando a cabeça. "Estávamos apenas curtindo."

"Mas ainda é fora da sua zona de conforto, não é?"

"Bem... Talvez..."

"Se você não quiser mais que eu te convide, eu paro."

Lá vai ela, me tratando como uma criança. Eu balancei a cabeça levemente. Afinal, se a Shimamura fosse a pessoa me convidando, isso significava que ela também estaria indo. "Tudo bem. Eu realmente não me importo, então fique à vontade para continuar me convidando."

"Tem certeza?" ela respondeu, depois deu um gole. Um momento depois, ela começou a balançar para frente e para trás no seu balanço, e eu senti que ela estava entediada. Eu olhei para baixo para minha lata de Pocari, então dei um pequeno gole.

Para uma tarde de domingo, este lugar estava realmente deserto. Aqui estava eu, sozinho com a Shimamura... mas eu não podia me dar ao luxo de baixar a guarda. De alguma forma, parecia que aquela garota brilhante ia aparecer bem quando eu menos esperasse, como um fantasma. Um fantasma azul cintilante.

"Então, o que tá rolando?" Shimamura perguntou do nada, me observando enquanto os balanços rangiam sob nosso peso. Eu não sabia do que ela estava falando, então dei a ela um olhar engraçado. "Ah... Bem..." Ela pausou por um momento. "Você estava olhando para mim demais durante o karaokê, então pensei que talvez houvesse algo que você quisesse conversar."

Quase enterrei minha cabeça na areia. Ela estava começando a notar. Admito que sim, nós trocamos olhares várias vezes na sala de karaokê, mas eu não percebi que ela tinha me notado olhando todas as outras vezes também. Meu pico de tensão irradiou através do meu corpo para o balanço, e as correntes tilintaram em resposta - um reflexo do meu próprio pânico interno.

Desviei o olhar. O sangue subiu à minha cabeça enquanto eu pensava em como responder. *Para começar, vou me fazer de desentendida e ver onde isso me leva.*

"Eu estava?"

"Sim," ela assentiu. Eu me encolhi um pouco, mas continuei fingindo inocência.

"Você tem certeza de que não está só paranóica?"

"Literalmente vi você me olhando. Várias vezes."

De fato ela tinha. Cada vez que ela me pegava, eu tentava disfarçar sorrindo vagamente, mas aparentemente isso não funcionava. Lancei um olhar de soslaio para ela, esperando avaliar sua reação.

"Aí! Você acabou de fazer de novo!"

Ela me pegou no pulo. Desviei apressadamente o olhar.

Será que eu realmente queria conversar com ela sobre algo? Muitas coisas, com certeza. Mas eu sabia que no segundo em que tentasse, ela ficaria estranha e fugiria, então hesitei. Vacilei. Fiquei inquieta.

Meus sentimentos foram se acumulando dentro do meu peito, florescendo, amadurecendo - mas frágeis. Depois de tempo suficiente, eles apodreceriam na videira e cairiam esquecidos no chão. Um pequeno broto tinha crescido do meu coração até a minha boca, subindo como uma hera em busca do sol. Tentei contê-lo, mas não consegui me segurar a tempo.

Minha respiração ficou tão ofegante que eu parecia um cachorrinho. Abaixei a cabeça na direção de Shimamura.

"Você poderia... me fazer carinho?"

Tudo o que eu consegui dizer para mim mesma em resposta a isso foi… *Uau*. Eu entendia por que eu tinha dito isso, mas isso não tornava a situação menos embaraçosa. Eu estava aterrorizada de ver a expressão no rosto dela. Eu tinha a sensação de que iria despencar de cara na areia se soltasse o balanço.

“Hmm.”

A resposta dela foi breve e distante, como uma cientista observando seu rato de laboratório. Enquanto isso, eu podia sentir o olhar dela sobre minha cabeça. Comecei a suar. Minha garganta tremia com o impulso de gritar, "Estou só brincando!" As vibrações viajaram até meus braços. Eu me arrependo. Eu me arrependo. Eu me arrependo.

Por um longo e agonizante momento, me vi dividida entre o arrependimento, o desespero e algo completamente diferente. Então - bem quando eu cedi e olhei para cima - senti a ponta de um dedo roçar minha cabeça abaixada, leve como uma pluma.

"Uau," murmurei no mesmo momento. Meu coração se acendeu como fogos de artifício.

Inicialmente, ela me deu tapinhas leves no couro cabeludo, como se estivesse testando o toque na água. Então sua mão pequena e delicada envolveu minha cabeça e acariciou lentamente meus cabelos. *Será que seus dedos estavam passando pelo meu cabelo, ou era meu cabelo passando pelos dedos dela?* Depois de um tempo, não conseguia mais distinguir.

"Você é uma bebê tão carente."

Parecia que ela havia feito um comentário semelhante em algum momento do passado. Como da última vez, eu estava muito tímida para olhá-la, então não conseguia ver sua expressão. Estaria ela irritada comigo, ou apenas estava se divertindo? Não havia uma forte rajada de vento para nos interromper - quase como se o planeta estivesse congelado no tempo, apenas por este único momento.

Meu coração batia loucamente, mas minha mente estava tristemente calma - um contraste marcante que deixava claro para mim o quão separadas essas coisas estavam. Eu podia sentir que minha cabeça estava se inclinando em direção à palma dela, implorando silenciosamente para que continuasse.

"Mais?"

A palma da mão dela passou sobre minha franja. Eu concordei sem dizer uma palavra, e ela passou a mão gentilmente sobre minha cabeça. Cada vez que seus dedos deslizavam pelo meu cabelo, minha mente se esvaziava. Se eu tivesse uma cauda, estaria balançando-a loucamente agora.

Claramente, algo estava profundamente errado comigo. *Eu era estúpida ou apenas algum tipo de aberração?* Provavelmente ambos. Talvez fosse melhor eu me perguntar como era a proporção entre ser estúpida e uma aberração.

"Isso é suficiente?"

Senti vontade de pedir mais, então apenas juntei os lábios e assenti. "Mm-hmm."

Ela afastou a mão, e reuni toda a coragem que pude encontrar para levantar a cabeça e olhá-la. Ela estava sorrindo e esfregando os dedos juntos.

"É melhor você não começar a me chamar de *Oneechan* na escola," ela alertou brincando.

"Sem promessas," respondi com uma risada autodepreciativa.

Ela deve ter se sentido tão desconfortável quanto eu, porque começou a beber sua bebida rapidamente. Assim que a lata ficou vazia, ela estendeu a mão livre na minha direção. "Aqui, vou jogá-las fora."

"Oh, uh... Eu ainda não terminei a minha. Vou levar para casa e terminar mais tarde."

"Ah, okay."

Ela se levantou e foi até a lixeira para jogar a lata fora. Uma vez que eu me certifiquei de que ela não estava olhando, virei minha lata de cabeça para baixo. Totalmente vazia. Eu era uma mentirosa.

Na verdade, eu planejava levar para casa e decorar meu quarto com ela. Seria isso estranho? Talvez sim. Mas eu sabia que Shimamura nunca veria meu quarto... Então, se não machucasse ninguém e me deixasse feliz, onde estava o problema? O lixo de uma pessoa é o tesouro de outra.

Meu couro cabeludo continuou a formigar muito tempo depois que as carícias na cabeça pararam. Eu me levantei e coloquei cuidadosamente minha lata vazia na cesta da minha bicicleta. Então Shimamura voltou, e nos preparamos para partir.

Depois de destravar a corrente da bicicleta e montar no banco, ela subiu atrás de mim. A sensação da mão dela no meu ombro me deixou nervosa. Eu me lembrei do tempo em que segurei aquela mão na minha, e minhas bochechas coraram. Comecei a pedalar, mantendo a cabeça baixa. Afinal, o pôr do sol ainda estava algumas horas longe, então não podia culpar qualquer rubor por um simples feixe de luz.

Juntas na minha bicicleta, Shimamura e eu deixamos o parque. Em dez minutos, como todas as coisas boas, esse momento privado que compartilhamos chegaria ao fim.

Mas, ei, essa raridade é parte do que a torna tão especial, certo? É divertido mergulhar, mas eventualmente você tem que voltar à superfície para respirar.

Então, uma vez que você tenha recuperado o fôlego, pode voltar para baixo e continuar procurando por mais tesouros escondidos.

Eu queria que meu relacionamento com a Shimamura fosse especial. Não necessariamente de uma forma estranha - não, é sério. Mas, por outro lado, eu não era contra isso, o que significava que provavelmente eu estava apaixonada por ela.